

Dr. Casado

uma boa semana para debate!

resgate da função pública  
ética

# A lei do Gerson

O psicanalista Jurandir Freire Costa leva o Brasil ao divã e constata que o desamparo político explica a ânsia de tirar vantagem em tudo

POR MAURÍCIO DIAS E JOÃO CARLOS LEAL

A infindável farsa conhecida como transição democrática pode levar o povo brasileiro à loucura? Jurandir Freire Costa, 44 anos, destacado psicanalista de consultório e diretor do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, desconfia que sim. A psicanálise, normalmente distante dos embates sócio-políticos, costuma acudir indivíduos problemáticos. Seu método, sozinho, é incapaz de fundar uma teoria social. Pode, porém, ajudar a entender o que se passa com um país onde a crise dos valores, a rigor, preservaria que toda a população mergulhasse no divã.

Costa puxou o fio da meada psicanalítica num polêmico artigo - "Narcisismo em Tempos Sombrios" - publicado em meio a uma coletânea aparentemente especializada: *Percurso na História da Psicanálise* (Ed. Taurus). Os tempos sombrios do título são, obviamente, aqueles em que vivemos. O narcisismo, diz Costa, é a chave para se entender uma sociedade desagregada que elegu como pauta de comportamento o oportunismo e o cinismo. O brasileiro tornou-se, pensa o psicanalista, "um homem sem pudor", voltado apenas para si mesmo, não se identificando com nenhum valor social.

Costa tornou-se vítima pessoal dessa degenerescência política ao ser expurgado, recentemente, ao lado de outros técnicos progressistas, do Hospital Psiquiátrico Pedro II, do Rio,

pelo novo diretor da instituição, Pedro Monteiro de Bastos, por sua vez apadrinhado do deputado federal Jorge Leite (PMDB-RJ). A indicação de Bastos era uma recompensa a Leite pelo voto a favor dos cinco anos para José Sarney:

P - A psicanálise tem condições de dizer para onde vai o Brasil?

R - Uso o instrumental da psicanálise, é verdade. Mas eu não estou explicando o Brasil psicanaliticamente. Estou dizendo: face a essa desorganização que existe, veja como a gente começou a se comportar. O que eu quero é apontar que, formado esse círculo vicioso de desestruturação da sociedade, começa a existir

um dado novo que escapa ao controle puramente político, econômico ou social, que é o dado psicológico.

P - E qual é a sua análise?

R - Indica que se precipita sobre todos nós essa situação de desesperança, de descrença e de desespero. Ou se consegue restituir a possibilidade de investir num projeto futuro e nas realizações de ideais, ou então vamos ter um dado incontrolável, que é o medo, o pânico das pessoas, que levará o indivíduo a querer se defender a qualquer custo, permanecendo o mais fechado possível e abrindo mão da intervenção no social.

P - Como é que se percebe isso, no dia-a-dia?

R - Na transformação dos brasileiros em indivíduos social e moralmente superfluos. Por isso, essa sensação nacional de que nada mais tem valor. Passa a proliferar a idécia de que o valor não existe, que tudo é igual. Ou seja, passa a imperar uma filosofia, que eu chamo de razão cínica, que, no nível político, do dia-a-dia, diz que, seja eu um mau-caráter, seja eu um homem de bem, é exatamente igual. Ou pior, do ponto de vista do usufruto individual, até há mais vantagens em ser um cafajeste.

P - Como é que se chegou a essa moral do desespero?

R - A queda do autoritarismo trouxe, no seu bojo, uma desorganização muito grande. Uma vez desestruturada a sociedade, os indivíduos se precipitaram nesse regime de economia



Jurandir Freire Costa  
Freud explica o carro em mão dupla?

Mania, isso foi criado? Será que ele gostou?

ego-narcisica que, por sua vez, faz com que ele realmente o processo de desorganização, criando um círculo vicioso. Ou seja, as pessoas foram empurradas para um regime de economia mínima - do eu mínimo -, que realçou seu narcisismo, em detrimento da sua possibilidade de exercício da cidadania. No momento em que elas começaram a funcionar dessa maneira, passaram, por outro lado, a retroalimentar o processo de dissolução do social.

**P - O que o narcisismo tem a ver com a realidade nacional?**

**R -** Por natureza, o homem não é um ser social. Não existe nele, como nas abelhas e nas formigas, um instinto de preservação da espécie - apenas o de autopreservação. Somos, então, por natureza, narcisicos, porque só vemos, prioritariamente, o nosso bem-estar individual. O convívio social, e mais ainda, o convívio social democrático, nos impõe, portanto, um trabalho enorme.

**P - Como assim?**

**R -** É simples. A instância primeira do homem é o seu narcisismo, o seu instinto de autopreservação. Mas existe uma segunda instância, igualmente importante, que poderíamos chamar de ideais - o que eu quero vir a ser, aquilo que eu poderia ser, o que eu gostaria de ser. O bom funcionamento de uma sociedade é ditado pela eficiência com que ela agencia esses

---

### **A classe média, com seus valores, é o colchão entre ricos e pobres**

---

ideais, como que ela lida com essa espécie de suborno que viabiliza a vida em sociedade.

**P - É essa eficiência que falta à sociedade brasileira?**

**R -** É. O que me torna aflito em relação ao projeto da sociedade brasileira é quando esses ideais entram em falência.

**P - Alguma vez o brasileiro experimentou essa perspectiva de futuro, de realização de seus ideais?**

**R -** Claro. Pelo menos a classe média. Sempre. No Brasil, houve uma

imensa massa que, ao longo da história, foi despida de qualquer possibilidade de participação social. O problema é que essa situação de superfluidez - termo concebido pela brilhante Hanna Arendt -, de que nada que a gente faça, nada que a gente diga, nada que a gente queira, importe para a sociedade está, agora, atingindo também a classe média.

**P - E qual a consequência da cassação dos ideais da classe média?**

**R -** É bom lembrar que ela sempre foi colchão de ar entre as elites e os excluídos, uma guardiã da moralidade, em cima da qual se incutia e germinava a ética do trabalho, do respeito, da moralidade, do bom comportamento, que a elite nunca teve e que os despossuídos nunca precisaram ter.

**P - Contaminada a classe média, o que acontece?**

**R -** Acontece o que estamos vendo todos os dias. O comportamento das elites agora sem amortecimento da classe média, tem um efeito de demonstração, no sentido de aguçar o comportamento marginal da classe pobre, que é o da delinqüência assassina, mortífera.

**P - Quer dizer, pode piorar?**

**R -** Esse questionamento, por sinal, está intimamente relacionado com a razão cinica. São mecanismos de acomodação histórica que fazem com que o cidadão acredite que nunca a coisa é tão grave, que não é verdade que o País esteja tão mal, que isso é pânico antes do tempo, que ele vai conseguir escapar. Por força disso, germinou entre nós a idéia de que, neste país, em tudo se dá um jeitinho. O que não tem nada de verdade. Existem sociedades que se tornaram inviáveis, mesmo. E o perigo não é a meu ver, apenas o prolongamento desse estado de coisas por mais algum tempo, e sim chegarmos a ponto de perdermos a idéia de sociabilidade e o País se fragmentar em gomos.

**P - O que seria isso, exatamente?**

**R -** É o estado em que, acho eu, está mergulhada a Colômbia. Ela está um passo à frente do Brasil. Num ponto em que já perdeu o sentido de representatividade e as pessoas estão dominadas pelo império do tráfico de drogas que destruiu a sociedade.

**P - O sr. atribui o problema brasileiro à crise posterior à queda do autoritarismo. De que tipo de crise o sr. fala?**

**R -** Basicamente, esse processo se detonou através da irresponsabilidade dos que assumiram o poder depois do fim dos governos militares.

**P - A razão cinica não proliferou sob a ditadura?**

**R -** Ela estava latente. Mas sua manifestação estava represada pela perspectiva de concretização de um ideal, o de que tudo iria mudar e de que, com o fim do regime militar, a gente iria fazer uma democracia verdadeira e construir o Brasil com que a gente sonha.

---

### **Não chegamos ao ponto do pânico narcisico, mas estamos a caminho**

---

**P - Seria correto dizer que a razão cinica se acentua durante as crises econômicas?**

**R -** Sim, se acentua, porque não há mais condição de bancar sequer uma promessa de conforto que, no Brasil, foi representada pelo carro financiado em 36 meses, a casa própria via BNH e o acesso facilitado a diversos bens de consumo. Por que isso? Nas crises, o homem habituado a delegar poderes à elite para decidir o que é melhor para o bem comum perde a confiança na Justiça e a apatia política se acentua e toma direções inquietantes, podendo levar as pessoas, em maior ou menor grau, a perda do sentido de responsabilidade social.

**P - Essa reação já foi estudada pela psicanálise?**

**R -** Estudada, não. Freud tentou, numa espécie de ensaio com tinturas de ficção, antever o que aconteceria a uma sociedade que entrasse numa crise de autoridade e perdesse a noção da transcendência da Justiça. Valeu-se para isso de um romance inglês, *When it was dark*, como forma de ilustração. Nesse livro, teriam sido descobertos fatos históricos que negavam a ressurreição de Cristo. A morte de Jesus, e portanto, de Deus, teve na história o efeito de desmantelar completamente a vida social, pelo aumento da violência. Os indivíduos, sem Deus, passaram a

decerer das leis e a agir pressionados simplesmente por seus medos ou interesses privados.

P - Não é esse o quadro da criminalidade no Rio, por exemplo?

R - Não é possível, nem exato, transpor uma situação retratada numa ficção para a realidade brasileira. Certamente, não chegamos a esse ponto. Mas se o pânico narcísico ainda não se instaurou, há indícios sociais que apontam para lá.

P - Quais?

R - Diante de uma sociedade em de-

## Engravatado ou descamisado, o delinqüente se vê acima da lei

gradação, o ego-delinqüente, fruto do pânico narcísico, tem a tendência de manifestar-se de duas maneiras: ou como absolutamente impotente, ou como onipotente. Quando impotente, ele se traveste no modelo da subserviência burocrática, onde a regra é a obediência devida, qualquer lei é lei, autoridade e autoritarismo são indissociáveis e o que o move é o medo. Na outra ponta, encontramos a arrogância onipotente que tem a desobediência à lei como lei. Desse lado, está o marginal que não vacila em matar alguém por um relógio de plástico ou um par de tênis, o cidadão que estaciona em fila tripla, paralisando o trânsito de toda uma rua só para apANHAR seu filho na escola, o político ladrão e o empresário fraudulento. Engravatado ou descamisado, o delinqüente arrogante considera-se acima da lei e desafia todos os que não querem transformar-se em apêndice de sua onipotência.

P - Busca instaurar sua própria lei?

R - Exato. Chamo de legislar em causa própria. A lei passa a ser a de um só, a lei do banditismo. Porque lei a gente aprende na prática. Não é através de teoria. É vendo e agindo, o tempo inteiro. Só observando nossos companheiros da sociedade é que vamos introjetando as normas de conduta social.

P - E os nossos exemplos de hoje são o político corrupto, o empresário so-

negador, o marginal e o motorista que elige sua própria lei de trânsito...

R - Posso acrescentar outros exemplos tão ou mais graves. A responsabilidade do funcionalismo público nesse estado de coisas, por exemplo. A meu ver, o funcionário público é o protótipo do indivíduo narcísico e um fato absolutamente abominável neste país. Ele tem ainda uma dupla ação social: a de exemplo vivo da cultura do levar vantagens e a de germe de dissolução do social.

P - O sr. se refere ao empreguismo?

R - Sejamos diretos. Esses lugares são todos cabides de emprego, onde se entra basicamente pelo nepotismo, pelo clientelismo e onde se demole diariamente qualquer sentimento de dignidade que possa ainda resistir.

P - Como assim?

R - Porque os funcionários públicos - e, aí, obviamente, estou falando de maneira genérica - não se enganam. Eles sabem que são parasitas, que não fazem jus aos salários que recebem. Eles sabem que não trabalham e as elites brasileiras habituaram gerações e gerações de pessoas - que não são poucas - a viverem nessa situação de indignidade, onde o que prevalece é, exclusivamente, o interesse corporativo, de extorquir cada vez mais, num reflexo imediato ao comportamento dessa mesma elite. Em setores como educação e saúde, isso é pavoroso, para não falar na administração do Estado. Eles estão, no dia-a-dia, mostrando ao cidadão como se vive de forma parasitária, criando, portanto, um sentimento de injustiça atroz. Basta ver como um operário que trabalha e, de fato, produz riqueza - e tem consciência da dignidade do que ele faz para a sociedade - é tratado dentro da burocracia do aparelho de Estado, ou no setor de saúde, ou no de educação.

P - O exemplo, então, é o pior possível?

R - Na burocracia, na obediência cega, que confunde, como eu já disse, autoridade com autoritarismo e segue a ordem pela ordem, está um dos piores germes da dissolução do social, que é o germe do fascismo e do nazismo. Numa sociedade autoritária, ditatorial, a opressão é fundada, basicamente, na rotina e na burocracia. São aqueles que obedecem até o ponto de torturar e matar os outros. Quando se passa a obedecer cega-

mente, você perde o sentimento do que é a lei, na medida em que as regras são frutos da discussão pública. As leis mudam, somos nós que as fazemos e elas são sempre melhores em função do interesse comum. Se não as discutimos, e advogamos que qualquer lei é lei, então estamos do lado da marginalidade e somos capazes de desprezar as regras e instaurar nossa própria lei.

P - E o exemplo dos políticos?

R - Bem, as promessas não cumpridas ou frustradas - que tiveram grandes momentos do fim do autoritarismo para cá, com a morte de Tancredo Neves e o fim do Cruzado - podem estar entre as maiores causas da desesperança. Acho que os políticos têm uma responsabilidade muito grande. A meu ver, é preciso existir um espaço onde a reflexão sobre a ética e o bem comum seja possível, e esse lugar privilegiado é o político, na sua verdadeira dignidade. É preciso quebrar essa imagem - e que já virou senso comum - de que todo político é um ladrão, um parasita.

P - Um ilustre representante do "centro" lançou mão da frase "é dando que se recebe". Ele não passa a ser um militante dessa razão cínica que ameaça o País?

R - Nem é cinismo - é desfaçatez elevada à milésima potência. Primeiro, subverteu-se, de uma maneira inconcebível, uma figura como São Francisco de Assis. Depois, como político,

## Num contexto de pilhagem, citar São Francisco é mais do que cinismo

dizer isso dentro deste país, no momento atual, num contexto de troca de favores, de pilhagem, de insensibilidade absoluta em relação ao estado em que está o Brasil, é muita irresponsabilidade.

P - A versão mais bem-acabada da razão cínica...

R - Não, a versão mais elaborada está nas universidades, nos meios acadêmicos. Mas eu faria papel de tolo se dissesse que são teorias produzidas no Brasil ou adaptações feitas,

# FORNO

**NEGÓCIOS E LAZER COM TUDO O QUE VOCÊ TEM DIREITO**

**FORNO**  
HOTELIS NO MUNDO  
5 HOTIS NO BRASIL

ROSE ADRIATEL BELLE CARLOS JONAS CARVALHO LINDA MACIEL MARCUS MARIL SÃO JOSÉ DOS CAMPOS SÃO PAULO  
URBEMIA HOTELIS E MANANCION REBRICIAI SÃO VICENTE SÃO PAULO  
LSD JOAO DE NEVE HOTELIS DE MASSARO MASSARO REBRICIAI SÃO PAULO  
TELIS HOTELIS DE MASSARO MASSARO REBRICIAI SÃO PAULO  
TELIS HOTELIS DE MASSARO MASSARO REBRICIAI SÃO PAULO

propositadamente, para a realidade brasileira. Elas são basicamente idéias produzidas na Europa e nos Estados Unidos, mas, transpostas e aceitas por um certo número de pessoas, são nocivas por engrossar o caldo de irresponsabilidade. Essas teses a que se poderia chamar de relativismo ou racionalismo procuram justificar através de argumentos - muitos extraídos com impropriedade de autores como Nietzsche e Foucault - a existência de valores. Como se dissesse: sempre foi assim e sempre será.

P - Com o que o sr. não concorda.

R - Para mim não é preciso ser idealista, nem metafísico grego, para afirmar que os valores foram feitos por nós e, portanto, não são hiper-humanos, nem perfeitos. Mas estão longe de serem apenas, como advogam os adeptos da razão cínica, mecanismos exclusivamente de coação, ou, como dizem, instrumentos de dominação. Existem leis e valores que surgem do consenso, como o conceito

## O fim da linha pode ser a volta a uma ordem do tipo fascista

de democracia - onde se procura assegurar o espaço para a divergência de opiniões e a proteção aos mais fracos - e mecanismos de obediência consentida, como as leis de trânsito. Que não existam leis divinas, eu concordo com eles. Mas que todas as leis são violentas e servem apenas para a defesa de interesses particulares dos mais poderosos, isso eu considero um erro primário e perigoso.

P - O sr. não é tão céptico quanto essas pessoas?

R - Eu sofri ácidas críticas por estar desenhando um panorama absolutamente negro do País. Não é isso. Tenho certeza de que existem pessoas que se estão associando, que estão defendendo seus interesses de maneira legítima, que estão lutando por algumas coisas melhores. Como um amigo meu me lembrou, em certos subúrbios, comunidades de bairro, você ainda vê práticas de solidariedade, certos objetivos que se tentam

cumprir coletivamente. Há políticos que eu respeito, que têm um projeto nacional, como há colegas que eu respeito. Eu não diria que o País inteiro esteja mergulhado nisso. Se assim fosse, seria a hecatombe. As pessoas que estão na contramão, contudo, são pessoas muito acuidas. Quando escrevi meu artigo sobre o assunto, quis me comunicar com essas pessoas, dizer que há outras pessoas que se importam, que querem reagir e que adianta, sim. Aqui dentro da Universidade, por exemplo, onde chefo o Departamento de Medicina Social, meus colegas não vão parar de dar aulas e não vão parar de cumprir expediente, não. Tenho os instrumentos institucionais e, se precisar, a gente obriga, sim. O aluno vai fazer prova. O professor vai dar aula, vai ser responsável pela produção.

P - Dá para iniciar uma mudança de rota?

R - O desfecho eu não sei, porque parto de um pressuposto radical, no modelo de Hannah Arendt. Acho que, quando a gente prevê o desfecho, está muito perto de criar o que se chama de sociedade autoritária.

P - Não é possível, então, apontar uma saída?

R - A saída, não. O que eu poderia dizer é o que não é saída, por exemplo, achar que podemos, individualmente, encontrar a solução. Também não é saída continuarmos achando que é tudo culpa do Estado e não da sociedade, que nós, enquanto cidadãos, não temos nenhuma responsabilidade sobre isso e que compete exclusivamente aos governantes resolverem os nossos problemas. Por essa demissão, a gente paga caro. Foi a demissão do povo alemão que os levou à derrocada da República de Weimar e ao nazismo. Também não é saída a esperteza. Não vai demorar e as pessoas perceberão que para cada trambique que derem, tem dez outras para dar trambique nelas. Então, pouco a pouco, elas vão querer a ordem. E será a ordem fascista.

P - É para isso que podemos nos encaminhar?

R - Sim. Essas pessoas não vão mais aceitar a desordem, e os resultados eleitorais vão começar a apontar isso, para a eleição de políticos que tenham esse tipo de perfil, com maior ou menor dose populista, mas que vão vir para isso. Será o ápice da demissão. ©